

NETO; Antônio Guido da Silva¹, SILVA; Caroline Hansen da Silva², VALE; João Victor Maciel do³, PACHECO; Julia Tavares Pacheco⁴

RESUMO

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) reúne desordens do neurodesenvolvimento associadas a padrões repetitivos de comportamento e a deficiências nas atividades sociais. Elas afetam cerca de 62 em cada 10.000 indivíduos em todo o mundo e seu tratamento convencional inclui o uso de drogas psicotrópicas, que podem desencadear efeitos adversos graves a longo prazo. Como alternativa complementar, tem sido pesquisado o uso de substâncias derivadas da *Cannabis sativa*. **Objetivos:** Fazer uma revisão narrativa sobre a evidência disponível quanto à eficácia dos canabinoides, como o Canabidiol (CBD) e Tetrahydrocannabinol (THC), na melhora dos sintomas do Transtorno do Espectro Autista. **Métodos:** Foi feita uma revisão narrativa da literatura. A busca foi efetuada nas bases de dados MEDLINE/PubMed, Scientific Eletronic Library Online (Scielo) e Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) em março de 2023. Foram utilizados os seguintes descritores: cannabis, transtorno do espectro autista e tratamento. Os critérios de inclusão foram: artigos entre os anos de 2019 e 2023, nos idiomas inglês e português. Foram excluídos: os artigos publicados anteriores a 2019 ou os que fugiam do enfoque. **Resultados:** O sistema endocanabinóide compõe-se, principalmente, pelos receptores CB1 e CB2, sendo ativado fisiologicamente por substâncias endógenas. Alterações nesse sistema geram sintomas semelhantes ao TEA, sugerindo a modificação de sua sinalização como alvo terapêutico. Estudos mostraram que, com a administração do THC, o receptor CB1, associado ao funcionamento social quando expresso no cortex frontal e em áreas subcorticais, é ativado, tornando tal estímulo promissor para a melhora dos sintomas do TEA. Entretanto, o THC também demonstrou ser uma molécula com potencial elevado para efeitos colaterais, podendo ser prejudicial ao funcionamento e à estrutura cerebral, se usado precocemente na infância. Quanto ao CBD, tratando-se de um agonista do receptor de serotonina, são ressaltados seus efeitos ansiolíticos provenientes da cannabis, além da promoção de um efeito antipsicótico através de um agonismo parcial dos receptores de dopamina D2, e, diferente do THC, seu uso durante o desenvolvimento inicial é relativamente seguro. Além dos possíveis mecanismos, é visto na literatura uma escassez de ensaios clínicos randomizados duplo-cego com grupo placebo sobre o tema, sendo que os ensaios experimentais disponíveis possuem diferentes faixas etárias e alta heterogeneidade dos resultados. Alguns estudos relataram melhora nas crises de automutilação e raiva, hiperatividade, problemas de sono, ansiedade, inquietação, entre outros sintomas, enquanto outros ressaltaram o risco elevado naqueles pacientes com idade inferior a 18 anos e com histórico familiar de psicoses, junto a chance de toxicidade, caso utilizado simultaneamente a outros fármacos comuns nesse transtorno, como ácido valpróico e benzodiazepínicos. **Conclusão:** É evidente a busca de alternativas, além dos tratamentos convencionais, para melhorar a qualidade de vida dos pacientes com TEA. Entretanto, a evidência científica ainda permanece incerta, não sendo possível determinar sua eficácia baseando-se somente em possíveis mecanismos. Portanto, são necessários ensaios clínicos bem conduzidos para tal constatação. Outrossim, os derivados da cannabis se mantêm com grande potencial para criação de fármacos usando esses princípios ativos no futuro. Resumo – sem apresentação oral.

¹ Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), antonioguido9@gmail.com

² Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), carolhansen2001@hotmail.com

³ Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), joao-bae@hotmail.com

⁴ Faculdade de Ciências Médicas de Três Rios (SUPREMA), juliatpacheco@hotmail.com

